

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DA CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE MUSEOLOGIA**

Camila Cardoso Coronel Martins

MEMÓRIA E NEGRITUDE:

**O grupo AFRO-SUL/ODOMODE como referência da cultura imaterial
de Porto Alegre, RS**

Porto Alegre

2016

Camila Cardoso Coronel Martins

MEMÓRIA E NEGRITUDE:

O grupo AFRO-SUL/ODOMODE como referência da cultura da cultura imaterial de Porto Alegre, RS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Faculdade de Ciências da Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito básico para conclusão do curso de Museologia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Ana Maria Dalla Zen

Porto Alegre

2016

CIP - Catalogação na Publicação

Martins, Camila Cardoso Coronel

MEMÓRIA E NEGRITUDE: O grupo Afro-Sul/Odomode como referência da cultura imaterial de Porto Alegre, RS / Camila Cardoso Coronel Martins. -- 2016. 52 f.

Orientadora: Ana Maria Dalla Zen.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Museologia, Porto Alegre, BR-RS, 2016.

1. INTRODUÇÃO. 2. A PRESENÇA NEGRA COMO PATRIMÔNIO CULTURAL DE PORTO ALEGRE. 3. AFRO-SUL/ODOMODE: RECORTES DE UMA TRAJETÓRIA. 4. MEMÓRIAS E RESISTÊNCIA: NARRATIVAS DE IDENTIDADE. 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS. I. Zen, Ana Maria Dalla, orient. II. Título.

Camila Cardoso Coronel Martins

MEMÓRIA E NEGRITUDE:

O grupo AFRO-SUL/ODOMODE como referência da cultura imaterial de Porto Alegre, RS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Faculdade de Ciências da Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito básico para conclusão do curso de Museologia.

Orientadora: Profª Drª Ana Maria Dalla Zen

Porto Alegre, 07 de dezembro de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Ana Maria Dalla Zen
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Me. Eráclito Pereira
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profª. Me. Giane Vargas Escobar
Universidade Federal de Santa Maria

Para Iara, Paulinho e Didi. Ubuntu!

Em primeiro lugar, agradeço à Lia, minha irmã e maior incentivadora, por acreditar, corrigir e acalmar. Ao meu cunhado Rui, pela paciência e destreza nas lidas da informática.

À minha mãe, por me ensinar que não existe luta mais justa do que a pelo ideal coletivo.

À minha irmã Tatiana pelo incentivo e conselhos.

Agradeço, imensamente, à minha Professora Ana Maria Dalla Zen, minha orientadora, por acreditar neste processo, pela atenção e disponibilidade que permitiram o desenvolvimento e construção deste trabalho que me é tão caro.

Agradeço também aos professores Eráclito Pereira e Vanessa Teixeira, por me apresentarem a Museologia Social e revelar essa paixão, hoje intrínseca em mim.

À Iara Deodoro, Paulo Romeu e Edjana, pela paciência, comprometimento e crença no meu trabalho e por me permitirem fazer parte da família Afro-Sul.

Aos amigos/colegas, Natália, Zíngaro, Ângela e Amália pelo incentivo e acolhimento nos momentos em que pensei fraquejar, na elucidação de dúvidas, pelos debates e diálogos infinitos. Vocês foram fundamentais nessa trajetória!

Às minhas outras metades, Dani e Ana, por acreditarem, carregarem e segurarem junto, sempre!

A todos que, direta ou indiretamente, me ajudaram a concluir este caminho.

*A verdade é que somos e somos porque
pertencemos.*

Desmond Tutu

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo interpretar o significado do Afro-Sul/Odomode para a preservação da memória e do patrimônio da cultura negra da capital gaúcha, a partir da análise da contribuição do Grupo para a preservação da cultura negra em Porto Alegre e para reconhecimento da contribuição das memórias e raízes africanas para construção do patrimônio cultural de Porto Alegre, para tornar mais visível no panorama da cidade a relevância do instituto enquanto espaço de preservação da cultura negra na constituição da cidade. A investigação, de cunho qualitativo, se constitui num estudo de caso, que se utilizou da metodologia da história oral para recuperar as narrativas dos sujeitos, reunidas em encontros de memória utilizando a técnica do grupo focal. Analisa os fatores de branqueamento da comunidade negra, e os mecanismos de resistência expresso em movimentos sociais, clubes e outras instituições. Recupera o processo de criação do Instituto Sociocultural Afro-Sul/Odomode, no ano de 1974, a partir de um grupo musical de raiz africana voltado à difusão da cultura negra e um processo de autoafirmação calcada na origem afro dos componentes do grupo. Destaca como a formação do grupo, através da união da música com a dança, busca dar visibilidade da cultura e o empoderamento, tanto de seus membros, quanto de seus espectadores, uma vez que tem em sua fundação o objetivo de promover e dar projeção à cultura negra no Estado. Discute os processos de legitimação dos territórios e espaços que promovem a cultura negra e se preocupa em resgatar a memória de seus idealizadores, espaços esses que celebram as raízes de negros e negras que contribuíram para construir a identidade cultural da cidade. Conclui ao destacar que, as manifestações culturais, as atividades e projetos realizados no espaço, o legitimam enquanto território, identificando-o como lugar detentor de memória, celebração e difusão da cultura negra que tanto contribuiu para a construção cultural desta cidade.

PALAVRAS-CHAVE

Museologia Social. Cultura negra. Patrimônio imaterial.

ABSTRACT

The objective of this paper is to interpret the meaning of Afro-Sul/Odomode regarding the preservation of black culture's memory and heritage in the gaucha capital, based on the analyses of the Group's contribution to the preservation of the black culture in Porto Alegre and for the acknowledgement of the contribution of African memories and roots to the construction of Porto Alegre's cultural heritage, as to make more visible the relevance of the institute in the city's panorama as a space of preservation of the black culture in the constitution of the city. The research, of qualitative nature, constitutes a case study which used oral history methodology to recover the subjects narratives gathered in memory meetings applying the focus group technique. It analyses the black community's whitening factors, and the mechanisms of resistance expressed in social movements, clubs and other institutions. It recovers the process of creation of the Instituto Sociocultural Afro-Sul/Odomode, in the year of 1974, from a musical group of African roots focused on promoting the black culture and a process of self-affirmation resting on the Afro origin of the group's members. Stands out how the formation of the group, through the communion of music and dance, seeks the visibility of the culture as well as the empowerment of its members and spectators, once that its founding aim is to promote and project the black culture in the State. Discusses the processes of legitimization of the territories and spaces that promote the black culture and is concerned on rescuing the memory of its creators, spaces which celebrate the roots of black men and women who contributed to the construction of the city's cultural identity.

Concludes by pointing out that the cultural manifestations, the activities and projects realized in that space, legitimize it as a territory, identifying it as a place which bears memory, celebration and diffuses the black culture which has contributed so much to the cultural constitution of this city.

KEYWORDS

Social Museology. Black culture. Intangible heritage.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Ilustração	Primeiro Cartaz do Afro-Sul/Odomode.....	24
Figura 2	Foto	Galpão Garotos da Orgia.....	27
Figura 3	Foto	Escola Livre de Percussão Afro-Sul/Odomode.....	28
Figura 4	Foto	Domingo Cultural: Central do Samba.....	31
Figura 5	Foto	Grafite de autoria do artista Fernando True Souza.....	32
Figura 6	Foto	Grafitagem Fachada Afro-Sul/Odomode.....	33
Figura 7	Foto	Hora do Lanche.....	35
Figura 8	Foto	Oficina Corte e Costura.....	36

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	A PRESENÇA NEGRA COMO PATRIMÔNIO CULTURAL DE PORTO ALEGRE.....	13
2.1	Patrimônio e territorialidade.....	16
2.2	Museologia Social, território e identidade.....	20
3	AFRO-SUL/ODOMODE: RECORTES DE UMA TRAJETÓRIA.....	23
4	MEMÓRIAS E RESISTÊNCIA: NARRATIVAS DE IDENTIDADE.....	39
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
	REFERÊNCIAS.....	46
	APÊNDICES.....	49
	APÊNDICE 1.....	50
	APÊNDICE 2.....	51
	APÊNDICE 3.....	52

1 INTRODUÇÃO

Ao investigar a memória negra de Porto Alegre, é fácil perceber que há um longo caminho a ser traçado, delineado, constituído, revelado. A invisibilidade a que foi submetida a cultura negra dessa cidade foi observada desde o momento da escolha dessa temática. Ainda sem a impulsão adequada, a luta dos movimentos sociais negros da atualidade, pela sua devida projeção, esbarra em um conteúdo defasado, não incluída nos livros de história que apresentam tão somente a memória dos povos negros enquanto escravos, sem focalizar o significado desses grupos para a história de Porto Alegre e do estado do Rio Grande do Sul.

Embora ocultada e exposta a um sistemático processo de branqueamento, a cultura negra encontrou lugar para atuar em movimentos sociais e políticos que compõem a História do Estado. Mas, para resistir, organizou-se em clubes e outras instituições sociais e culturais, e, dessa forma, legitimou territórios e espaços, responsáveis por promover as manifestações culturais e reverenciar seus idealizadores. Assim, foi nesses lugares de memória e cultura que com negros e negras conseguiram celebrar a memória e as raízes africanas e salvaguardar essa contribuição para a construção da identidade cultural da cidade.

Em meio a esses grupos de resistência, se destaca o Instituto Sociocultural Afro-Sul/Odomode, voltado à difusão da cultura negra em um processo de autoafirmação, calcada na origem afro dos componentes do grupo, que une música e dança, com o objetivo de dar visibilidade à cultura negra e incentivar o empoderamento, tanto de seus membros, quanto de seus espectadores. A Instituição se constitui num espaço de ações e de promoção da herança cultural africana, e, mais do que um ambiente festivo, volta-se à prática de sua cultura, resistência e, acima de tudo, de reconhecimento e valorização da origem africana. Esse espaço é liderado pelo Professor de Música Paulo Romeu Deodoro e sua companheira, a Assistente Social Maria Iara Santos Deodoro, responsáveis pela administração artística e de ações socioeducativas, respectivamente.

A produção cultural dos agentes sociais que tomam as rédeas desses projetos remete à demanda do reconhecimento da Instituição, enquanto patrimônio imaterial em razão das características recorrentes da historicidade de sua luta e resistência, tanto pelo espaço em que está situado como por seu empenho em visibilizar uma

cultura que permanece envolta num véu de invisibilidade e exclusão. Assim, é pela iniciativa dos próprios negros e negras que se fortalece o reconhecimento sobre a origem africana e sua importância para a história social, política e cultural da sociedade gaúcha.

Diante disso, esta investigação foi realizada com o objetivo de contribuir para o reconhecimento do Instituto Sociocultural Afro-Sul/Odomode como referência da preservação da memória e cultura negra como patrimônio cultural de Porto Alegre. Nos próximos capítulos, serão apresentados recortes da imersão nessa história, até hoje neutralizada pelo preconceito e desvalorização de uma instituição que se constitui num ponto de memória da história e cultura gaúchas. O problema que norteou a pesquisa pode ser sintetizado na seguinte pergunta: qual a contribuição do Afro-Sul/Odomode para a preservação da memória negra em Porto Alegre, RS? Em decorrência, o objetivo geral deste projeto foi delineado como sendo o de interpretar o significado do Afro-Sul/Odomode para a preservação da memória, do patrimônio e da cultura em Porto Alegre. E, como objetivos, específicos de identificar, na trajetória do grupo, as estratégias utilizadas para a preservação e divulgação da cultura negra porto-alegrense, analisar a contribuição da Instituição no campo da Museologia Social e compreender o significado da celebração na preservação da cultura imaterial entre os membros integrantes do Instituto.

No que se refere ao percurso investigativo percorrido, trata-se de uma pesquisa qualitativa, sob a forma de um estudo de caso, realizado através da coleta de narrativas obtidas em rodas de memória com os membros da Instituição, como estratégias propostas pela metodologia da história oral, sob a forma de grupo focal, com os depoimentos registrados em vídeo, mediante consentimento prévio dos participantes. Além deles, foram também ouvidos frequentadores da Instituição, através de um formulário eletrônico, somando 60 respondentes, o que determina uma totalidade de 26% do público frequentador das atividades do Instituto, para que avaliassem as atividades de que participaram, no que se refere à contribuição que representam como patrimônio cultural de Porto Alegre. Os recortes de suas manifestações foram relacionados a registros e a análise de dados foi comparada com estudos já publicados por outros autores, que fizeram referência ao tema e historicidade do Instituto Sociocultural Afro-Sul/Odomode, sua representatividade, territorialidade e memória, formando assim o fio condutor da narrativa e pesquisa deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Desse modo, este documento se compõe de cinco capítulos. Após este capítulo inicial, no seguinte, intitulado *Presença Negra Como Patrimônio Cultural de Porto Alegre* é abordada a invisibilidade da cultura negra e sua contribuição para a construção cultural da cidade, em que é apresentada uma imersão nos estudos da jornalista Irene Santos (2005), do professor Arilson dos Santos Gomes (2008) e na trajetória dos movimentos sociais que surgem na intenção do protagonismo negro na cidade e nos País. No terceiro, denominado *Afro-Sul/Odomode: Recortes de uma trajetória*, é apresentada a história do grupo e sua trajetória até consolidar-se como Instituto Sociocultural Afro-Sul/Odomode. No quarto capítulo, intitulado *Memórias e Resistência: Narrativas de identidade* é apresentada a memória, a resistência através da narrativa dos frequentadores e colaboradores do espaço. Finalmente, o quinto e último capítulo, reúne as considerações que se fez em torno do processo, que permitiram respostas à indagação inicial e ao alcance dos objetivos propostos. Trata-se de um texto apaixonado, envolvente e subjetivo, que me permitiu em diversas vezes resvalar para uma tessitura complexa e indissolúvel entre elementos teóricos, relatos de lutas, sofrimentos e conquistas deste grupo que fez de seu território um espaço para preservação, difusão e pesquisa da cultura negra em Porto Alegre.

Assim, acredito ter conseguido descrever um processo de pesquisa no campo da Museologia Social, que me permitiu entender e apresentar a expansão do conceito de patrimônio referente a um território, no qual, evidencia-se a transformação do foco do objeto para o homem fazendo deste homem o produtor de sua referência cultural.

2 A PRESENÇA NEGRA COMO PATRIMÔNIO CULTURAL DE PORTO ALEGRE

Em uma breve análise dos registros referente à historicidade da população negra em Porto Alegre, é fácil esbarrar na ausência e desencontro de informações. No ano de 1889, após a Proclamação da República, o Ministro Ruy Barbosa mandou incinerar todos os documentos oficiais relativos à importação, venda e compra de escravos. Desse modo, literalmente, queimou parte do passado de um povo significativo na construção deste País, já que, durante os trezentos anos de tráfico, vieram para o Brasil em torno de quatro milhões de negros escravizados (SANTOS, 2005).

Porto Alegre foi a primeira cidade brasileira a abolir a escravatura, após a marcha realizada pelos abolicionistas, que, em 1884, tomaram a Rua da Praia¹ no centro da cidade, protestando contra a escravidão, de acordo com as páginas 2 e 3 do Livro Ouro da Câmara Municipal, que registram ata da sessão comemorativa da Abolição, acontecida ao meio-dia de 7 de setembro de 1884 (Op. Cit.). A cidade testemunhou uma grande mobilidade territorial marcada pela exclusão social, em que famílias negras inteiras, após um processo de “higienização” das zonas centrais, foram realocadas em lugares com piores estruturas do que os que habitavam anteriormente.

No que se refere à influência religiosa, foi um dos elementos mais significativos, a ponto de hoje, conforme Rech (2012), Porto Alegre possuir cerca de 190 casas de religião de matriz africana. Além disso, a força dessa cultura é evidente na construção da capital gaúcha, presente na música, na gastronomia e na construção civil, dentre outras. Desse modo, há uma gama de indicadores que projetam as características e influência dessa cultura, mas que, até agora, não recebeu o reconhecimento devido.

A contribuição de negros e negras, cuja memória foi por séculos silenciada, em razão da existência do preconceito, racismo e da negação, intencionais ou não, deve ser recuperada.

Conceitualmente, a categoria “raça” não é científica. As diferenças atribuíveis as “raças” numa mesma população são tão grandes quanto aquelas encontradas entre populações racialmente definidas. “Raça” é uma construção política e social. É a categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão – ou seja, o **racismo**. Contudo, como prática discursiva, o racismo possui uma lógica própria (HALL, 1994). Tenta justificar as diferenças sociais e culturais que legitimam a exclusão

¹ Hoje rua dos Andradas

racial em termos de distinções genéticas e biológicas, isto é, na natureza. (HALL, 2003, p. 69).

Sua trajetória é fundamental para que a cidade se reconheça e seja capaz de se aproximar, cada vez mais, da sua origem.

E assim, de forma justa, celebrar os responsáveis pela diversidade cultural que existe em Porto Alegre. Janaina Cardoso de Mello (2015), em relação à criação do Museu de Percurso do Negro em Porto Alegre foi concebido entre 2008 e 2009, sendo colocado em curso desde 2011, tendo como base a pesquisa histórico-antropológica, realizada pelo antropólogo Iosvaldyr Carvalho Bittencourt Júnior, somada aos saberes artísticos de matriz africana acerca das raízes históricas e da ancestralidade religiosa afro-brasileira por parte de um grupo de artistas:

Fez-se necessário descortinar e comunicar de forma ampla o gingado da capoeira e dos carnavais de outrora, as rodas de samba e as torcidas das ligas de futebol, responsáveis pela confirmação de redes de solidariedade, sociabilidade e identidade negra, evidenciando as associações e clubes negros, bem como os elementos da religiosidade de matriz africana representados pelo culto ao Orixá Bará Agelu Olodiá– no Mercado Público Municipal- ou a Oxum, por exemplo. (MELLO, 2015, p. 152).

Na primeira metade do século XX, os negros se uniam por um sistema de rede, nucleados em associações, clubes, sociedades, entidades de cunho recreativo, dançante ou, como no caso da Sociedade Floresta Aurora², que prestava auxílio aos mais necessitados e vulneráveis às políticas, ou falta das mesmas, na época. O principal objetivo da organização era zelar pela comunidade afro-gaúcha materialmente e socialmente, auxiliando, inclusive, na realização de enterros dignos para os negros da capital (GOMES, 2008).

No ano de 1958, segundo o doutor em História Arilson dos Santos Gomes (2008), em sua tese, destaca um fato curioso e de real importância, através de seu estudo e ampla pesquisa na documentação da Sociedade Floresta Aurora que, entre seus componentes, estavam os articuladores e organizadores do Congresso Nacional do Negro na capital gaúcha. De acordo com Gomes, fica evidente o apoio dos governos municipal, estadual e federal, por empresas privadas e setores da imprensa

² Primeiro clube social negro do Brasil. Fundado em 31 de Dezembro de 1872 por um grupo de negros e negros forros que, em sua maioria, eram operários residentes da Colônia Africana de Porto Alegre hoje, compreendida entre os bairros, Rio Branco, Mont Serrat e Bom Fim.

de Porto Alegre. Esse Congresso se propõe a discutir e planejar propostas para a melhoria da educação negra no país e desvelar a problemática de “democracia racial” tão exaltada em discursos políticos, porém, sem efetiva realização de políticas públicas e sociais para a questão do negro brasileiro.

Já a partir da segunda metade do mesmo século, com a influência dos movimentos para a garantia dos direitos civis dos negros estadunidenses liderados por Martin Luther King e Malcom X e seus respectivos movimentos *black-power* e *black-muslims*, os negros se reúnem e passam a estimular processos políticos, trabalhar a memória do herói negro Zumbi dos Palmares e estabelecem uma metodologia que vem a culminar na criação do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (MNUCDR):

Os negros passam a ocupar os espaços de sociabilidade pública, no centro da cidade de Porto Alegre, por meio de algumas esquinas, pontos de encontros, bares e galerias e *shopping centers* [...] Foi no âmbito deste território negro que o Grupo Palmares foi criado, por iniciativa de Oliveira Silveira, Antônio Carlos Côrtes, e outros [...] (SANTOS, 2005, p. 38).

Na década de 1970, segundo Naiara Rodrigues Silveira, filha de Oliveira Silveira, idealizador do Movimento 20 de Novembro, assim declara em seu blog e justifica a busca de uma data que representasse mais e melhor o protagonismo negro em alternativa ao dia 13 de Maio:

O 13 de Maio representa para a população negra um grande engodo. Uma lei que trouxe a liberdade de direito, mas não de fato. Os negros chegaram ao Brasil “sequestrados” da África, sem absolutamente nada. Aqui, construíram o país. Com o advento da abolição da escravidão, foram despejados, sem direito a nada (educação, propriedade, trabalho, etc.), enquanto os imigrantes receberam vários incentivos para virem para o Brasil: terras, gado, escola, entre outros. Portanto, essa data não trouxe dignidade ao povo negro (SILVEIRA, doc. Eletrônico, 2016)

A respeito dessa data, destaca seu pai, Oliveira Silveira:

O 20 de novembro começou a ser delineado em encontros informais na Rua dos Andradas, em Porto Alegre. Estávamos em 1971. Reuníamos-nos e falávamos muito a respeito do 13 de maio, do fato desta data não ter um significado maior para a comunidade. A partir desta constatação comecei a procurar outras datas que fossem mais significativas para o movimento. Comecei a estudar a fundo a história

do negro e constatei que a passagem mais marcante era o Quilombo dos Palmares. Como não haviam datas do início do quilombo, tampouco do nascimento de seus líderes, optei pelo 20 de novembro. Colhi esta informação numa publicação da Editora Abril dedicada a Zumbi, que dava esta data como a de seu assassinato, em 1665. Por ser uma revista, não se apresentava como fonte segura. Resolvi pesquisar um pouco mais, como forma de garantia. mais adiante, no livro “Quilombo dos Palmares”, de Edson Carneiro, a data se repetia. Considerei esta fonte segura, pela importância do autor. Além disto, tive acesso a um livro português que transcrevia cartas da época, numa delas era relatada a morte de zumbi, em 20 de novembro de 1665. A partir de então colocamos em ação nossas propostas. Batizamos o grupo de Palmares e registramos seu estatuto, em julho. No dia 20 de novembro do mesmo ano (1971), evocamos pela primeira vez o “Dia Nacional da Consciência Negra”, na sede do Clube Marcílio Dias. “Há pessoas que imaginam que o Grupo Palmares tenha chegado ao 20 de Novembro através da obra de Décio Freitas, historiador branco que escreveu Palmares, A Guerra dos Escravos, livro que teve o mérito de pesquisar mais a fundo a vida de Zumbi. O fato é que quando decidimos pela data, não conhecíamos nem Décio Freitas nem sua obra, ele a havia editado no Uruguai, durante o exílio, em agosto de 1971. A decisão de nosso grupo, portanto, é anterior a publicação de seu livro. (SILVEIRA, [s.d.]

Para uma orientação de representatividade e valorização desta pesquisa, foi utilizado no decorrer do trabalho o conceito de patrimônio imaterial estabelecido pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN):

Os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas). A Constituição Federal de 1988, em seus artigos 215 e 216, ampliou a noção de patrimônio cultural ao reconhecer a existência de bens culturais de natureza material e imaterial. (IPHAN, 2006, Doc. Online)

É com base nesses princípios, que daremos continuidade à pesquisa na sequência do trabalho, baseado na importância do território onde está localizado o Afro-Sul/Odomode como espaço de celebração, identidade e referência de patrimônio da capital gaúcha como bem de natureza imaterial.

2.1 Patrimônio e territorialidade

É na década de 1970, como dito anteriormente, que ocorrem mudanças significativas na política cultural brasileira, gerando alterações institucionais fundamentais para a consolidação da valorização da cultura no campo do patrimônio,

é fundado o Centro Nacional de Referência Cultural (CNRC) que não adotava a noção de patrimônio e sim de bem cultural. Porém o insistente debate e aprofundamento das discussões que permeavam tais conceitos formam a base para a concepção da cultura como um processo, ou seja, buscar alternativas à perspectiva universalista e eurocêntrica adotada pelo IPHAN que, apenas reconhecia enquanto patrimônio os bens arquitetônicos e monumentais relegando a cultura popular a um status de folclore. No entanto, é somente após a instauração da Constituição de 1988, com a influência dos movimentos sociais em luta pela redemocratização no país, que, de fato, passa-se a entender a cultura como um direito de cada cidadão. Para Fonseca (1996), isso fica evidente nos tombamentos realizados pelo IPHAN do Terreiro da Casa Branca, em Salvador em 1984 e da Serra da Barriga, em Alagoas, em 1986, “signos da presença africana na cultura brasileira e marcos de uma nova concepção de patrimônio cultural, que se traduziria na apropriação do tombamento por parte da população civil” (CHUVA, 2015). Como resultado destas atividades formalizadas por civis, a diversidade cultural é apontada como agente formador social brasileiro e por isso deve ser reconhecido por meio de estudos, pesquisas, por meio de instrumentos além do tombamento o que consta no Artigo 215 da Constituição Federal Brasileira de 1988.

Artigo 215, da Seção II – da Cultura, Constituição Federal Brasileira de 1988 trata de “direitos culturais”, com uma abordagem inclusiva dos grupos e setores até então pouco assistidos pelo Estado:

O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

§1. O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.

Artigo 216 - Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

(BRASIL, 1988. Doc. Online)

Consequentemente, é nesses artigos da Constituição que se reconhece a inclusão, no patrimônio a ser preservado, de bens culturais que se constituem em referência aos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, no caso desta pesquisa, da comunidade negra de Porto Alegre, com o intuito de identificar a relevância das manifestações culturais que emergem dentro do Afro-Sul/Odomode.

Com isso, integram-se os conceitos de territorialidade e identidade através da memória que abordam, propostos por Haesbaert, a saber:

Desde a origem, o território nasce com uma dupla conotação, material e simbólica, pois etimologicamente aparece tão próximo de *terra-territorium* quanto de *terreo-territor* (terror, aterrorizar), ou seja, tem a ver com dominação (jurídico-política) da terra e com a inspiração do terror, do medo – especialmente para aqueles que, com esta dominação, ficam aliados da terra, ou no *territorium* são impedidos de entrar. Ao mesmo tempo, por extensão, podemos dizer que, para aqueles que têm o privilégio de usufruí-lo, o território inspira a identificação (positiva) e a efetiva “apropriação”. (HAESBAERT, 2004, p. 1)

Como já foi dito no primeiro capítulo, é importante reconhecer os espaços de resistência do povo negro em razão da sua historicidade e de sua memória, através dos territórios com que se identificam e apropriam, do que resultam lugares de conservação do patrimônio imaterial, que se ampara no Decreto Legislativo Nº22, de 1º de fevereiro de 2006, que faz a seguinte análise:

Considerando a importância do patrimônio cultural imaterial como fonte de diversidade cultural e garantia de desenvolvimento sustentável, conforme destacado na Recomendação da Unesco sobre a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular, de 1989, bem como a Declaração Universal da Unesco sobre a Diversidade Cultural, de 2001, e na Declaração de Istambul, de 2002, aprovada pela Terceira Mesa Redonda de Ministros da Cultura [...] Reconhecendo que as comunidades, [...] os grupos e, em alguns casos, os indivíduos desempenham um importante papel na produção, salvaguarda, manutenção e recriação do patrimônio cultural imaterial, assim contribuindo para enriquecer a diversidade cultural e a criatividade humana. (BRASIL, 2006, p. 79)

Isso posto, considera-se justificada esta pesquisa, cuja proposta é registrar, salvaguardar o patrimônio cultural imaterial do Instituto Sociocultural Afro-Sul/Odomode e sua representatividade para a comunidade negra e, também para a cidade de Porto Alegre. Entendendo o território da Instituição enquanto detentor e

dispositivo de memória, tanto para o segmento de mulheres e homens negros quanto para a história da cidade.

2.2 Museologia Social, território e identidade

Seguindo a linha de apropriação e identidade territorial supracitadas, é importante salientar a visão da geografia moderna, que entende o território a partir da construção social do lugar, proposto por Souza (2012). No entanto, pode-se percebê-lo como lugar da ancestralidade, lugar imaginário. As comunidades de ascendência africana, por exemplo, experimentam o conceito de territorialidade através da ancestralidade e não somente as pessoas, mas os espaços se travestem do sagrado; com isso, geram construções sociais que os preenchem de vida dando sentido e sensação de pertencimento. Sendo assim, o projeto, utiliza o conceito de identidade territorial como sendo:

Identidade territorial é entendida pelo direito de imprimir suas marcas no espaço. Marcas que como vimos demonstrando está além do lugar físico, mas permeiam o que é imaterial e se constitui no campo subjetivo, mas tem igual importância no processo de formação das identidades (SOUZA, 2012, p.6).

A fim de alcançar os objetivos específicos, é utilizada a contribuição de Maria Salomé Lopes Maracajá (2013), que parte da concepção de que discutir temas sobre identidade, cultura, raça e etnia é algo difícil, ao se tratar da questão do negro no Brasil. Todavia, o tema tem sido muito abordado na América Latina hoje, a ponto de se ter como resultado um número maior de pesquisas em torno do debate acerca da redefinição das identidades nacionais e a relevância de como foi construída essa identidade. A autora segue um processo investigativo que possibilita a interpretação da construção da territorialidade e, como consequência, a identidade cultural e étnica do espaço, com base no que expressa Rodrigues (2011), quando afirma:

A consciência da cultura como patrimônio, nos leva a tomar as dimensões simbólicas da construção territorial como referência à Geografia, pois sabemos que o território comporta em si vários sentidos e um deles é o sentido simbólico que conduz e possibilita o fortalecimento das territorialidades e do sentimento de pertencimento ao território, ao lugar, à região, e até mesmo à nação (RODRIGUES, 2011, p. 119).

Justifica-se esta ação baseada na Nova Museologia, que, conforme a Declaração de Oaxtepec, de 1984, “[...] considera indissolúvel a relação: território-patrimônio-comunidade; [...]” (PRIMO, 1999, p. 13) que entende o espaço territorial como área museográfica. E também pela Declaração de Caracas em 1992, ao afirmar

que uma nação, região ou comunidade se caracterizam pela união das expressões materiais, imateriais e espirituais. Por conseguinte, o espaço compreendido em um conjunto de manifestações culturais, naturais e legítimas, como o território no qual está inserido o Instituto, representa um lugar de resistência, troca de saberes, de interação humana e celebração da memória e cultura negra. Representa um grupo social que manifesta interesse no reconhecimento de sua história e identidade que busca, ainda hoje, desvelar de um valor omitido nas páginas dos livros de história, porém tão exaltado na herança cultural e que se estende aos demais grupos da cidade.

Contudo, a Nova Museologia, traz em seu cerne, uma reflexão a respeito da sua contribuição para a recente demanda identificada, uma dinâmica transformação com os novos pensamentos que permeiam os anseios sociais, aflorando então os debates a respeito do que, segundo Tolentino (2016) influencia o pensamento museológico em relação às Ciências Sociais e, que, acaba, por fim, a constituir o campo da Museologia Social ou Sociomuseologia;

Entre os autores clássicos da Sociologia, explica que Marx, Weber e Durkheim não deram atenção às atividades consideradas de entretenimento ou lazer. Marx centrou-se na luta de classes e seu foco de análise eram as relações sociais de produção. Os museus também não estavam presentes nas principais formulações dos paradigmas da ação e reprodução social de Weber e Durkheim, pois foram priorizados os estudos de práticas culturais como crenças religiosas associadas a representações coletivas construídas e partilhadas pela sociedade. (TOLENTINO, 2016, p. 64)

É na década de 1970 que uma nova vertente da Sociologia, se aproxima das interações da Escola de Chicago e do sociólogo alemão Georg Simmel, afastando-se do objetivo científico que os sociólogos se atém “ [...] ao campo dos museus, dentro dos estudos culturais, compreendidos como lócus de conflitos de poder simbólico [...]” (TOLENTINO, 2016). Nessa nova corrente, houve uma reconfiguração do campo dos museus, que passam a ser considerados instituições sociais. A partir daí os museus, cujo foco se voltava para a preservação de objetos de arte e relíquias do passado, assumem o papel de protagonistas sociais, como, nas palavras de Santos “[...] passando a integrar o rol de instituições responsáveis por formulações garantidoras da estabilidade política dos estados nacionais em suas diversas fases” (SANTOS, 2014). Ou seja, podemos perceber que a Museologia, por muito tempo esteve atrelada à instituição formal museu, com seus acervos, prédios e públicos e, desse modo,

deixava de lado as forças sociais e a representatividade das comunidades, centralizada numa referência eurocêntrica no que se refere ao conceito de patrimônio, mantendo à margem as referências indentitárias. E, que, desse modo, segregava a cultura, ignorando importantes segmentos da sociedade, que não se percebiam representados nos museus.

Portanto, a Museologia Social muda o foco dos museus, abrindo-os para a cultura, com a intenção de entender a sociedade como produtora de suas referências culturais, que, nesse caso, inclui a questão da sua relação com as pessoas, o território e a identidade. Sendo assim, é fundamental, ater-se aos sinais emanados pela sociedade ou parte representativa dela, que em um movimento, manifesta seu interesse em relação a um espaço, a determinado território, identificado como incubadora de manifestações culturais e considerando-o como seu patrimônio, o que pode ser identificado no capítulo a seguir, através da narrativa do Grupo Afro-Sul da construção do seu território e da importância do sentimento de pertencimento dos colaboradores na representatividade do seu espaço.

3 AFRO-SUL/ODOMODE: RECORTES DE UMA TRAJETÓRIA

Para um maior entendimento da representatividade e historicidade da Instituição, foi realizada uma roda de memória com os membros do grupo, com o objetivo de definir sua trajetória e o entendimento dos seus integrantes quanto ao seu território. Compartilhando da visão da professora de Metodologia da História Lucilia de Almeida Neves de que “São os homens que constroem suas visões e representações das diferentes temporalidades e acontecimentos que marcaram sua própria história” (NEVES, 1999. p. 10), foi possível traçar a linha identitária tanto do grupo como de seus frequentadores.

É no cenário cultural do País, mestiço, transcultural, colorido, composto por pessoas negras, imbuídas de um sentimento de valorização e resistência de sua cultura e ancestralidade que, o grupo Afro-Sul de Música e Dança, surge, como uma instituição cultural que funciona como movimento de valorização da cultura negra e do direito à livre expressão da pessoa humana, com objetivo de lutar contra racismo e divulgar a história e a música negra através de seus espetáculos, toma as rédeas de sua história e se lança ao projeto de reconstruir e dar visibilidade à sua memória.

Neste capítulo, será relatada, parte da história, da formação deste grupo de música e dança até tornar-se o espaço que hoje representa, para um largo segmento da sociedade porto-alegrense, um território de cultura, resistência e aprendizado.

Esta Instituição, que surgiu no ano de 1974, formada por um grupo musical de jovens negros, ainda sob a influência dos ritmos e histórias de outros lugares do Brasil, buscava apresentar a historicidade e evidenciá-la, através do seu trabalho. Segundo Iara Deodoro, foi neste ano que o grupo musical, ainda sem nome, que ensaiava em uma garagem, inscreveu-se e acabou por ser selecionado para se apresentarem, em um festival de bandas do Colégio Rosário, para que fosse uma apresentação diferente, eles convidaram Iara, bailarina de dança contemporânea, para fazer a coreografia, Iara diz:

“Foi aí, exatamente aí, que surge o Afro-Sul. E aí eu fiz a coreografia, para aquele momento, só que a gente deu continuidade [...] Inquietos com a sua própria cultura, e aí era tudo a partir de pesquisas, né? Que se trabalhava”. (Depoimento prestado à pesquisadora em 13 de outubro de 2016)

As pesquisas eram feitas de forma autônoma, porém com base nos conceitos de Oliveira Silveira nas discussões do Grupo Palmares, como referido no primeiro capítulo, era o grupo atuante nas discussões sobre a representatividade e direitos da população negra, sendo identificado como referência em pesquisa da comunidade afro-brasileira.

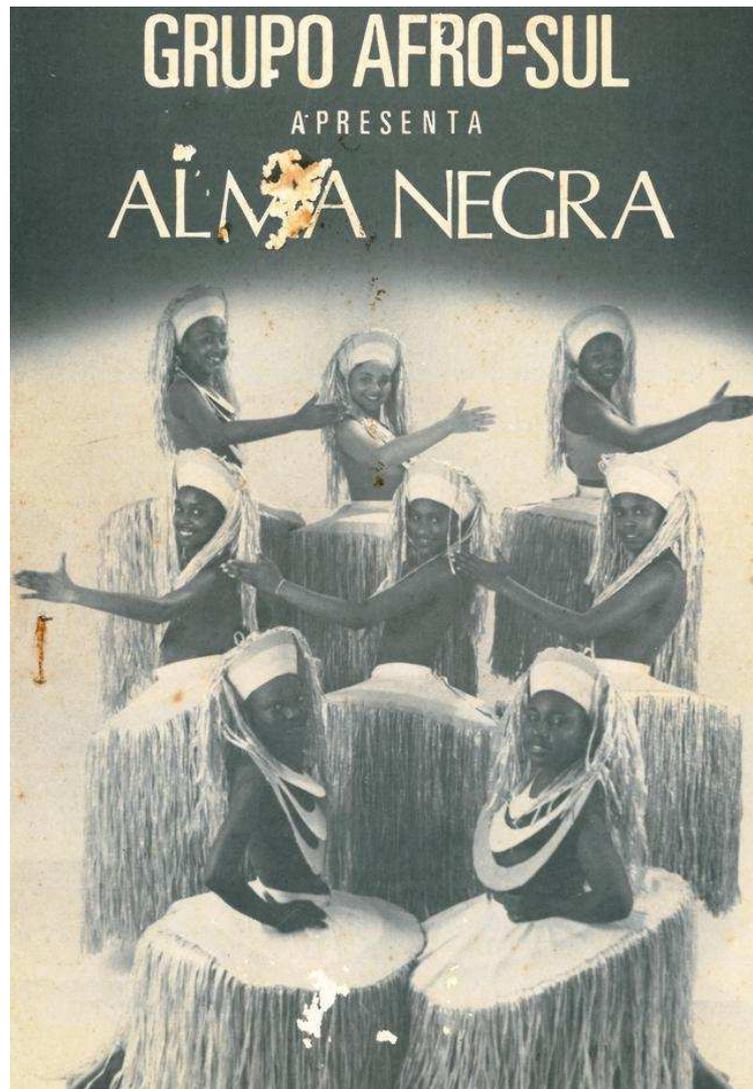
Ainda na década de 1970, os integrantes se aprofundam nas pesquisas, armando-se do sentimento de empoderamento cultural negro, ainda mais latente nos Estados Unidos com o Partido das Panteras Negras (partido negro revolucionário fundado com o objetivo de patrulhar os guetos negros para proteger os residentes contra a violência da polícia em meio a lei de segregação do país). A busca incessante pela identidade do grupo para um aprimoramento na elaboração das letras de músicas que contribuíssem para efetiva promoção da cultura negra e que proporcionasse o protagonismo dos seus agentes originários, visando não apenas a identidade musical, mas a pessoal também. O encontro desse “negro estadunidense” foi a primeira referência política, mas as pesquisas seguem através do Oceano Atlântico, buscando, sempre, a África. No fim desta década, Porto Alegre presenciava, nesse momento, o nascimento do Movimento Negro Unificado, que trazia a veia filosófica, promovia debates, mas, na opinião dos membros do Afro-Sul, ainda deixava a desejar quanto as questões referentes à cultura, e estes mesmos integrantes tomam para si a responsabilidade de divulgar e debater o hiato cultural promovido por anos de invisibilidade da cultura afro. Nas palavras de Lara:

“Nós éramos o oposto disso [Referindo-se aos debates teóricos do Movimento Negro Unificado] porque a gente era a arte! Era a ação [...]”. (Depoimento prestado à pesquisadora em 13 de outubro de 2016)

É em meio a essa seara de acontecimentos que, o Afro-Sul leva, pela primeira vez, a cultura afro-gaúcha aos palcos de Porto Alegre, com o espetáculo Alma Negra, como podemos ver na figura 1.

Figura 1

Primeiro cartaz do Afro-Sul



Fonte: Baticumbum – O BLOG OFICIAL DO CARNAVAL DE PORTO ALEGRE. Disponível em: <http://www.baticumbum.com.br/>. Acesso em: 27/10/2016.

Embora existam registros dos grupos de dança étnica, tendo a sua frente, Walter Calixto Ferreira, o Mestre Borel, como era conhecido, carnavalesco, escritor, pesquisador e um dos principais representantes das religiões afro-brasileiras e da cultura negra no Rio Grande do Sul, porém, como podemos constatar, eram apresentações voltadas para a comunidade em seus próprios palcos com objetivos

distintos. Oliveira Silveira teve seu próprio grupo musical, no entanto, voltado para apresentações com poesia, que exploravam a dramatização de letras em um ambiente de resistência objetivando uma reflexão literária da cultura, o que se diferencia bastante da proposta do Afro-Sul, no entendimento do Mestre Paulo Romeu Deodoro:

“A nossa visão era ampla, desde - a influência africana- Osibisa que era africano até Jimmy Hendrix – músico estadunidense – e James Brown [...] mais essa coisa de misturar Hendrix e Lupicínio Rodrigues”. (Depoimento prestado à pesquisadora em 13 de outubro de 2016)

O Afro-Sul contava, em sua primeira formação, com dois integrantes não negros, foram inicialmente questionados quanto a esse fato. Porém, os próprios integrantes relacionam o evento a questão do convívio e de serem objetivos em relação ao trabalho que estavam realizando, tinha-se o foco na representação da cultura com a música e dança, não apenas africana, mas afro-brasileira, logo, a herança étnica e propriamente a cor, não eram relevantes.

A inquietação causada por esta situação foi, o que os integrantes consideram a válvula motriz para o trabalho do Afro-Sul enquanto difusor desta cultura que toca a todas e a todos, o que, em meados dos anos 1970/1980, apenas significava a ponta do novelo que se teceria com o passar dos anos.

Durante a década de 1980, integrantes deste grupo, incluindo o Griô Paulo Romeu Deodoro³, participaram da refundação da Escola de Samba Garotos da Orgia⁴, atendo-se, especificamente, à produção de sambas-enredos que enaltescessem a africanidade no carnaval de Porto Alegre, primordialmente, a cultura negra gaúcha.

Em 1998 a convite de uma integrante, moradora da comunidade do entorno do espaço no qual, hoje, encontra-se a Comunidade dos Anjos e integrante da Escola de

3 O termo abrigado *griô* tem origem no francês *griot* se trata de uma recriação linguística para nomear os mestres e mestras dos saberes e fazeres de tradição oral. São músicos, genealogistas, poetas, comunicadores sociais que através da transmissão oral tornam-se representativos do universo cultural afro-brasileiro. Lei Griô Nacional. Disponível em: <http://www.leigrionacional.org.br/o-que-e-griou/> Acesso em: 27 de Outubro de 2015.

⁴ A Sociedade Cultural Beneficente Escola de Samba Garotos da Orgia foi fundada em 1980 e participou dos desfiles do carnaval porto-alegrense, chegando à campeã do Grupo de Acesso em 1996.

Samba Garotos da Orgia, o grupo Afro-Sul assume a direção da escola e passam a ter endereço na Avenida Ipiranga, 3850, em um terreno cedido pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, onde atualmente se situa a sede do Instituto Sociocultural Afro-Sul/Odomode, nome que deriva da língua africana ioruba, e que, nas palavras de Larissa Grisa, “[...] significa jovem, menino, denota justamente a necessidade do trabalho social e da valorização da africanidade que os integrantes do grupo vinham almejando” (GRISA, 2012. p. 2).

Nesse ano, ao assumirem a escola, forma-se uma “força-tarefa” para que, pelo menos, conseguissem fazer o último desfile enquanto Garotos da Orgia, afinal, a escola era considerada a vedete do carnaval porto-alegrense, pois todos tinham muita simpatia pelo modo como a história negra era exposta, em forma de desfile, na avenida, Garotos era aula de identidade. Então, em meio aos escombros de uma edificação abandonada, exposta às intempéries do tempo e imbuídos pelo que expressa a máxima popular “onde há ruínas, há esperança”, em um dia de chuva de janeiro de 1998, uma reunião realizada sob as lonas de guarda-chuvas, pois o telhado estava, incrivelmente, danificado com goteiras significativas, sem luz e água no espaço, uma realidade triste para quem já havia frequentado o espaço enquanto galpão de escola de samba como podemos ver na figura 2, decide-se, com o apoio da comunidade, colocar a Garotos na avenida.

Figura 2
Galpão Garotos da Orgia



Fonte: Acervo Adro-Sul/Odomode

Os ensaios do grupo passam então do Clube de Cultura de Porto Alegre, situado no bairro Rio Branco, para a sede da escola de samba e, muitas vezes na garagem da casa de Dona Iara e Mestre Paulo Romeu em um bairro da Zona Norte da capital. Mesmo com todos os contratemplos, com todas as adversidades, o grupo assume a responsabilidade, chama a comunidade do entorno e mais a família dos integrantes da banda, realizando assim, o carnaval de 1998, o último desfile da Garotos da Orgia, desta vez, como abre-alas do carnaval, sendo a primeira escola a desfilar na avenida com o tema que contou a história do valente Bakari Dian que derrotou o monstro Bilissi no reino de Ségu, narrando a saga pertencente à mitologia africana. Em 1999 transforma-se na “Sociedade de Ação Social, Recreativa, Beneficente, Cultural e Bloco Afro-Sul Odomode”. Na fala de Iara:

“Tem gente que diz que a Garotos morreu! Não, a Garotos existe! Se transformou e continua com uma missão muito mais

linda do que a do carnaval, né?”. (Depoimento prestado à pesquisadora em 13 de outubro de 2016)

No fim dos anos 1990, o espaço se transforma, da quadra de ensaio de escola de samba para um espaço de pesquisa e desenvolvimento da cultura negra gaúcha. Edjana Deodoro, filha de Lara e Paulo Romeu, hoje administradora do Instituto, é fisioterapeuta e professora de dança, com um trabalho voltado às crianças, relata que ao começarem os ensaios do grupo no espaço da extinta escola, apercebem-se do movimento das crianças da comunidade, muitas em estado ocioso após o horário escolar, arriscando-se de skate e bicicleta na avenida, porém, todas muito curiosas com o trabalho e a musicalidade do espaço.

“As gurizinhas do lado, tentando imitar os passos. Era um espaço aberto [...]”?. (Depoimento prestado à pesquisadora em 13 de outubro de 2016)

É neste cenário que o grupo entende a emergência de uma ação que atenda à demanda das crianças, muitas em situação de rua e vulnerabilidade social e em pouco tempo, inicia-se um projeto de dança com Lara e Edjana como professoras e Paulo nas oficinas e construção de instrumentos de percussão, o Odomode Social nasce, como podemos ver na figura 3, Mestre Paulo na regência de uma oficina de percussão, mas nos aprofundaremos, nesta nova etapa, mais adiante.

Figura 3

Escola Livre de Percussão Afro-Sul



Fonte: Acervo Afro-Sul/Odomode

É no ano de 1999 que, após um convite para se apresentarem em uma escola da Vila do IAPI, na zona norte de Porto Alegre, em um evento da Secretaria Municipal de Cultura, juntamente com as crianças da comunidade, que, recebem o convite, da própria Secretária da Cultura Margarete Moraes, para participarem do projeto PAICA RUA, em meio a uma rede imensa que envolvia as Secretarias da Saúde, Educação, Esporte e Cultura para o atendimento e acolhimento de crianças abrigadas nas instituições da Prefeitura, nas palavras da Ex-secretária:

" O desenvolvimento ininterrupto, de formação para as novas gerações de dança, música, batuque, moda e estilo, artes visuais, capoeira, canto, grafite, e a narrativa da contribuição afro à cultura do Brasil. Quando eu era Secretária da Cultura, o Odomode, através de Iara Deodoro e Paulo Romeu, que participavam das discussões de políticas culturais para a cidade e desenvolviam uma série de oficinas para meninos e meninas de rua, pois não havia o Bolsa Família, sendo esse trabalho realizado em conjunto com a FasC, Secretaria de Esportes, Educação e Cultura. Relembro da presente ação de oficinas de tambores levadas ao mundo todo, nos palcos da PUC/RS, para encanto dos componentes do Fórum Social Mundial. Uma das características do espaço, que se mantém até hoje, é a abertura permanente para infinitas expressões culturais de outros grupos de influência afro, as Domingueiras, as oficinas que ainda lá ocorrem dentro de um espírito de amizade e colaboração."
(Depoimento apresentado à pesquisadora em 25 de outubro de 2016).

Contudo, nos anos 2000, de acordo com as normas estabelecidas pelo Ministério da Cultura (MinC), o espaço recebe o título de Ponto de Cultura do Rio Grande do Sul⁵. Devido aos seus projetos e programas de difusão da cultura negra através da arte, como instrumento para inclusão, o fortalecimento da identidade social, objetivando, sempre atender as crianças, adolescentes e suas famílias. O Instituto

5 "Os Pontos de Cultura são grupos culturais da sociedade civil que envolvem a comunidade em atividades de arte, cultura e educação, estimulando a criatividade e propiciando o exercício da cidadania pelo reconhecimento da importância da cultura produzida em cada localidade." Disponível em: <http://www.cultura.rs.gov.br/v2/diretoria-de-cidadania-e-diversidade-da-cultura/rede-rs-de-pontos-de-cultura/>. Acesso em: 27 de outubro de 2015.

atende as exigências do Governo Federal a fim de receber recursos provenientes dos programas Estaduais para compra de material, contratação de pessoal entre outras necessidades, desde que contempladas nos Editais. O Programa Pontos de Cultura busca promover a diversidade cultural, oportunizando o empoderamento, a autonomia e a articulação de comunidades. Tais iniciativas estão em consonância com as políticas de democratização da cultura lançadas no Plano Nacional Setorial de Museus e no Plano Nacional de Cultura, políticas públicas que possibilitam o direito à memória.

Com o fim do Projeto PAICA RUA em 2004, o Instituto entende a necessidade de se repensar, embora, mesmo sem o auxílio que recebiam da prefeitura, toquem o projeto de assistência social por conta própria por mais um ano, porém, em meados de 2005, começam as dificuldades financeiras, é neste momento que o espaço abre o palco para shows e apresentações culturais diversas, como podemos ver na figura 4 da Roda de Samba do Central do Samba, o que, mesmo sem intenção amplia o leque que hoje faz desta instituição um lugar de encontros e trocas de saberes de todos os segmentos da cidade de Porto Alegre, o que, nas palavras do produtor cultural Lucas Luz:

“Se afirma porque tem raízes, mas também tem sombra onde cabem olhos, peles e cabelos de todas as tintas, crenças de todas as ciências e políticas de todos os lados.” (Trecho do poema enviado à pesquisadora em 28 de outubro de 2016)

Este novo Afro-Sul/Odomode, vira referência da cena cultural da cidade, ocasionando uma migração de pessoas para o seu Domingo Cultural, no qual sempre se apresentavam, pelo menos, duas atrações.

Figura 4
Domingo Cultural: Central do Samba



Fonte: Monica Kern (2015)

No ano de 2005, havia o Instituto Brasilidades, com a apresentação do Central do Samba, uma roda de samba diferenciada que se baseava na pesquisa das obras de renomados sambistas, com a descrição e história por trás de toda a música, cuidadosamente, escolhida para cada apresentação, ao fim da roda de samba, sempre se ouvia o rufar dos tambores do Maracatu Truvão que trazia à sua frente uma ala de meninas que rodavam suas saias de chita, convidando a todos para dançar. O espaço também abriu suas portas para diversas expressões culturais, quando não cedia o palco então que fossem suas paredes, seus portões, em uma visão poética, sua pele, como podemos ver nas figuras 5 e 6.

Figura 5

Grafite de autoria do artista Fernando True Souza



Fonte: Luciane Pires Ferreira (2011)

Figura 6
Grafitagem fachada Afro-Sul/Odomode



Fonte: Acervo Afro-Sul/Odomode

O reconhecimento enquanto Ponto de Cultura traz ao Odomode a sanha de produções de espetáculos voltados para a projeção da história e cultura do povo negro, para que, em seu currículo, já dirigiu e coreografou 26 espetáculos, lança, entre eles, O Negro no Rio Grande do Sul – a religião espiritual entre dois mundos, trabalho que remete às raízes africanas e sua influência na cultura gaúcha em 2012 e, a recente montagem, do O Feminino Sagrado: um olhar descendente da Mitologia Africana em 2016, o espetáculo apresentava mulheres reais em situações do dia-a-dia, contadas através de lendas da mitologia africana, tendo como pano de fundo as narrativas das orixás femininas, as Yabás: Oxum, Iansã, Iemanjá e Nanã. Esse último, já sendo parte do Projeto Odomulher: resistência e celebração, na intenção de promover e dar visibilidade às mulheres da cena cultural de Porto Alegre.

Esta reunião de ritmos, pessoas, realidades sociais e vivências transforma este território em um lugar de reconhecimento e respeito, de resistência e manifestações culturais, inúmeros foram os grupos musicais tais como Batucada Coletiva

Independente Turucutá, este, tão intimamente ligado ao espaço, que em seu hino, faz referência ao Instituto, homenageando-o na seguinte passagem:

*“[...]Se a chuva, insiste em aparecer
Turucuteiro que se preza não deixa a alegria morrer
E pede ajuda ao Afro-Sul Odomodê
Turucuteiro que se preza não deixa a alegria morrer
E ao Bará vai agradecer[...]”* (Trecho do Hino da Batucada Coletiva Independente Turucutá. Autora: Thá Gonzales)

É, também, das oficinas ministradas pelo Mestre Paulo Romeu, o grupo de mulheres percussionistas, Não Mexe Comigo Que Eu Não Ando Só, que tiveram suas origens nas dependências do Afro – assim, carinhosamente, chamado pelos mais assíduos – virando um verdadeiro celeiro de talentos e cultura desta cidade.

Como referido anteriormente, o Instituto Sociocultural Afro-Sul/Odomode, a convite da Secretaria de Cultura Municipal, após uma apresentação na Vila do IAPI, ao som de Carmina Burana⁶ tendo, em sua coreografia, as crianças e adolescentes da Comunidade dos Anjos, passa a integrar o Projeto PAICA RUA, que tinha por finalidade atender e acolher aos menores sob a guarda do município, abrigados em razão de maus tratos familiares, situação de rua e/ou vulnerabilidade social, infratores e afins. Começa a grande jornada do grupo para garantir a inserção destes menores, através da música e da dança, na sociedade, com características que se diferenciavam das demais instituições que prestavam este tipo de serviço, como manter os portões abertos, servir lanches fartos, como podemos ver na figura 7, oficinas de percussão e construção de instrumentos etc. Ao longo do caminho, os meninos que faziam as oficinas, formaram um grupo de percussão, regido pelo Mestre Paulo Romeu, o Farra de Rua, que tiveram sua “formatura” no Bar Opinião⁷. A relação dos meninos com o pessoal do grupo baseava-se na confiança, não havendo, nunca, qualquer incidente dentro das dependências da instituição, diferente dos outros espaços onde circulavam.

⁶ Ópera escrita, em 1935, por Carl Orff (1895-1982).

⁷ Famosa casa noturna de grande porte da cidade de Porto Alegre, situado no bairro Cidade Baixa.

Figura 7
Hora do Lanche



Fonte: Acervo Afro-Sul/Odomode

Entende-se uma preocupação na inclusão e reinserção sociocultural, mas, um fundamento de empoderamento, que sirva como ferramenta para o fortalecimento da identidade cultural e social é um imperativo nas atividades do Afro-Sul Odomode e seus projetos permanentes são:

Arte e Educação: criado para atender especificamente crianças e adolescentes da instituição, direcionado ao desenvolvimento de atividades culturais, tendo como base a criatividade e a reconfiguração de saberes. Estas ações, através de oficinas oferecidas no espaço do Instituto, proporcionam experiências através das diversas expressões culturais que permeiam a realidade destas crianças e adolescentes.

Ponto de Cultura: atende as atividades culturais desenvolvidas na Instituição, em parceria com o MinC.

Programa Família Integrada: com a finalidade de atendimento social, jurídico e psicológico às famílias da comunidade. O projeto também promove encontros de mulheres com o objetivo de gerar o empoderamento social para o enfrentamento à

violência e as questões econômicas, para tanto são organizadas oficinas de criação, como corte e costura, como podemos ver na figura 8.

Figura 8
Oficina de Corte e Costura



Fonte: Acervo Afro-Sul/Odomode

As ações educativas e atividades culturais da Instituição são, majoritariamente, direcionadas para crianças e adolescentes em situação de rua e vulnerabilidade social, no entanto estão abertas para toda e qualquer pessoa que manifeste interesse para com a cultura negra.

O Instituto, através de atividades culturais, mais precisamente, música e dança, desenvolve projetos e ações de cunho socioeducativo, porém, em razão de uma nova estrutura pensada em conjunto com a comunidade e os integrantes do grupo Afro-Sul, estão sofrendo alterações a fim de potencializar e, ampliar o trabalho que, tem por objetivo, repassar o conhecimento adquirido através de pesquisas, sobre a cultura Africana e suas origens, tais ações se estabelecem então, como um instrumento de fortalecimento da identidade social com base na cultura negra.

No próximo capítulo teremos a oportunidade de entender como as ações realizadas pelo Afro-Sul/Odomode influenciaram e influenciam, ainda hoje, os usuários dos programas, bem como os seus colaboradores, uma construção de

identidade, não só social e étnica, como uma referência de território, um local de salvaguarda de memória e consciência da cultura de uma sociedade.

4 MEMÓRIAS E RESISTÊNCIA: NARRATIVAS DE IDENTIDADE

No capítulo anterior, ficou evidente a contribuição da comunidade e dos frequentadores do Afro-Sul/Odomode no que o constitui enquanto referência de um território de manifestações culturais da cidade de Porto Alegre. Ao longo da pesquisa deste trabalho, embora objetivasse, essencialmente, os membros do grupo, em sua concepção, tornou-se inevitável uma aproximação com o público e seus colaboradores (entende-se por colaboradores todas as pessoas envolvidas nas ações culturais, bem como ministrantes de oficinas, usuários do espaço – para ensaios e apresentações – músicos, bailarinos) e todos aqueles que, de alguma forma, sentem-se ligados à esta estrutura que abraça a cultura, não só afro-gaúcha, mas em sua totalidade, como mostra a citação abaixo:

A História como manifestação do fazer coletivo incorpora vivências individuais e, por decorrência, no mínimo das dimensões: temporal coletiva e temporal individual. Dimensões que, acopladas, conformam experiências únicas, através de uma dinâmica que reconstrói o passado ao tecer sua representação no presente, plasmando em um único enredo a trama das vivências coletivas. (NEVES, 1999. p.13)

Em um primeiro momento foi estruturado um questionário em plataforma virtual, que fosse o mais breve e simples possível, pois entendemos que o público do espaço é diversificado não só etnicamente como em grau de instrução formal, com questões objetivas, porém, ao fim deste questionário, deixamos um espaço para quem quisesse manifestar sua opinião e percepção da instituição com a seguinte frase: “Na sua opinião, o Instituto Sociocultural Afro-Sul/Odomode é?”. Contudo, não poderíamos deixar de lado determinados relatos, alguns enviados espontaneamente, via correio eletrônico ou mídia social, feitos por frequentadores e colaboradores que souberam desta pesquisa, entre eles, o produtor cultural Lucas Luz, a assistente social e integrante do grupo Maracatu Truvão Bruna Machado e da Ex-secretária da cultura de Porto Alegre Margarete Moraes.

A análise dos questionários, cujo total de retorno significou 26% do público frequentador do Afro-Sul/Odomode, e uma maioria esmagadora com um discurso calcado na relevância no que toca a importância da representatividade deste espaço, são relatos que indicam, no entendimento deste público, uma referência forte de identidade, luta e resistência.

Nas palavras da professora de História e graduanda de Museologia Natália Silva:

“O espaço que, inicialmente, se propunha a festas, transcende essa barreira e, torna-se, após o convívio, em razão do estágio acadêmico, em lugar de somas de realidades sociais e de referência para a dança e a música afro-porto-alegrense. ”

(Relato extraído do questionário lançado para público geral do Afro-Sul/Odomode em outubro de 2016).

Esse discurso se fundamenta na sequência de análise do questionário, quando, repetidamente, as referências quanto a difusão e pesquisa, são pontos em comum entre os outros frequentadores. Depoimentos carregados de uma certeza qualificadora do Instituto e seu território como apresenta uma demanda de reconhecimento formal enquanto patrimônio desta cidade.

“[...] espaço de cultura e resistência que acolhe diversas tribos e classes sociais em torno da miscigenação cultural brasileira”.

(Relato extraído do questionário lançado para público geral do Afro-Sul/Odomode em outubro de 2016).

Seu público o entende como um local fundamental na vida cultural da cidade. Fomentando cultura e acolhendo pessoas, apoiando seu crescimento com sabedoria, cuidado e amor, recheado de manifestações culturais populares e urbanas, dentro de um contexto de diversidade, recebendo, inclusive, alusão de quilombo, em virtude da luta e resistência para manter-se neste terreno em zona de alta especulação imobiliária. O empenho social do Instituto se revela na fala da assistente social Bruna Machado, que diz assim:

“[...] Vejo o Afrosul Odomodê como um refúgio em meio ao caos, um local que preserva e promove um acolhimento da cultura afro brasileira com vistas a transformação social.

É muito valiosa a oportunidade de conhecer o Odomodê, para além da estrutura de sua sede, com foco na riqueza das pessoas que se dedicam para seu fortalecimento e na humilde grandiosidade de cada projeto social e cultural promovido ali.

Certamente estar conectado com o Odomodê é garantia de uma vivência revolucionária que reúne resistência, protagonismo e comprometimento social. ” (Trecho de relato enviado à pesquisadora em 25 de outubro de 2016)

Estes sujeitos da história do Afro-Sul/Odomode ressaltam o espaço enquanto uma referência construída através das ações realizadas nele. Os relatos e narrativas colhidos durante esta pesquisa, evidenciaram a força e o poder das pessoas que contribuem para a celebração de uma cultura e que se sentem representadas em um território específico, como dito anteriormente, travestido de sagrado, por arrebanhar culturas e manifestações populares significativas para estes sujeitos. E bem como as pessoas o espaço se torna um detentor de memórias e lutas, que se apresenta através de uma paleta de cores, como no poema, que já foi referido no capítulo anterior, do produtor cultural Lucas Luz, que define, em poesia, o que o discurso técnico inviabiliza:

“Odomodê...

Ponto de cultura,

Espaço/tempo de encontros,

Útero de ideias, colo de mãe.

Que território é esse?

Quais são as suas fronteiras?

O seu idioma? A cor da pele das suas pessoas?

Dá para se afirmar, categoricamente, que é um território de afirmação.

Afirmção negra e de toda a história do povo preto de Porto Alegre, do Rio Grande do Sul, do Brasil e da África que foi espalhada pelo mundo e que por lá também ficou.

Mas não se afirma porque exclui ou porquê se pretende exclusiva. Muito pelo contrário!

Se afirma porque tem raízes, mas também tem sombra onde cabem olhos, peles e cabelos de todas as tintas, crenças de todas as ciências e políticas de todos os lados.

É a cultura negra em essência, sem fetiche e sem o capricho que apenas o dinheiro dá.

É a estética genuína de um povo, resistindo nos mais diversos tons de marrom, no crespo do cabelo, no sotaque da vila, no colar de contas ou no cordão do funk, na palma branca da mão. Mão que toca o tambor, que mexe na colher, que limpa o chão do pós-festa, que assina tantos papéis de tantas lutas. Mão que dá carinho, mão que puxa a orelha de seus filhos. Não é um espaço à toa, é algo necessário, providencial. O Odomodê é a prova-viva de que podemos ser maiores do que nós mesmos e até mesmo de nossas histórias, sem que para isso precisemos esquecer-las. É um ecossistema, um organismo vivo. Paleta de cores dando luz à retratos de todas as belezas, onde todos somos, juntos. ” (Poema entregue à pesquisadora em 28 de outubro de 2016)

A representatividade, clara e objetiva, nos relatos e depoimentos, tanto quanto na poesia espontânea, enaltece a memória e seus vários significados, ela não se reduz ao recordar, ela fundamenta a existência, dentro da narrativa é possível integrar-se ao cotidiano, evitando que sociedade perca suas raízes, sua identidade (NEVES, 1999. p.17). Odomode é celeiro de memória, de história e luta, mantenedor da resistência pela celebração de uma cultura que está enraizada, mesmo que inconscientemente, nos porto-alegrenses, compõe a memória coletiva de um povo, como destaca o autor abaixo:

“Todavia signos materiais ou imateriais (objetos, construções, costumes, vestimentas) só podem ser considerados patrimônio se a comunidade ou alguém lhes conferir valor. Atualmente falar de patrimônio é algo bastante complexo, pois envolve tudo o que constrói a cultura de um povo. Em uma visão etnológica patrimônio origina-se do grego *pater*, que significa pai ou paterno. De tal forma, patrimônio se entrelaça sempre com hereditariedade, patrimônio é um conjunto de bens materiais ou imateriais ligados à identidade, cultura e história de uma coletividade. (CASTILHOS, 2013. p. 4)

Também, foi possível identificar, através destes depoimentos, uma “consciência patrimonial” dos seus frequentadores, entendendo a representatividade do espaço e a importância de seu território apresentando a capacidade de reconhecê-lo como um

lugar de garantia de valores como no relato abaixo extraído do questionário aplicado pelas redes sociais:

Patrimônio Cultural Material e Imaterial, pois contém história viva de consolidação de conceito de TERRITÓRIO CULTURAL em manifestações culturais do povo afro-brasileiro e de origem africana. Além disso presta excepcional serviço de garantia de valores que estão ligados a aplicabilidade, na área da educação, às leis 11645/08 que alterou, através da lei 10639/03 o Artigo 26A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Nessa ação realiza parcerias com a Secretaria Municipal (Porto Alegre e outras cidades) e Estadual de Educação, ONGs Educativas, Universidades e diretamente com professores. (Relato extraído do questionário lançado para público geral do Afro-Sul/Odomode em outubro de 2016).

É nesses relatos que se entende a identidade territorial e o significado de patrimônio que o espaço representa, a partir da sua comunidade, percebê-lo como lugar de referência e valor ligado à cultura, estabelecendo o elo que evoca o sentimento de pertença, traduzindo-o como seu bem cultural, seu território compartilhado, responsável pela essência de um grupo que se reflete na sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um espaço para celebrar, um território de luta, detentor de memória e historicidade, Afro-Sul/Odomode é resistência, é encontro. A realização deste trabalho me permitiu uma experiência inusitada, pois, além da constatação do espaço enquanto patrimônio imaterial, revelou a minha própria identidade. Trata-se do resultado de um processo longo, traçado nos últimos dois anos, de estreito convívio com os membros do grupo, bem como, nas dependências do Instituto.

Pelas definições, conceitos e metodologias propostos pela Museologia Social, foi possível reconhecer um lugar, eleito pelos seus protagonistas, como seu patrimônio, um território de encontros que ajuda na reconstrução de sua identidade e proporciona a celebração de uma cultura que toca a todas e a todos. A ausência de redutos, a alienação de espaços, a marginalização da cultura negra por séculos, encontra, no Odomode, seu sítio de pertencimento, e o mais importante, definido pelos seus frequentadores, como um espaço de ancestralidade, o que determina as ligações das comunidades afro, esses mesmos espaços são travestidos, como citado no capítulo 2, de sagrado, ou seja, o que, no campo da museologia social, se delibera como o ato de desviar do objeto e entender o homem como ponto de partida do que o representa, sendo ele quem elege o que o define, seja através de sua religião, suas celebrações e/ou seus territórios.

Contudo, não dá para ignorar o efeito que o lugar exerce em todos os grupos que o frequenta, são infinitas cores, crenças, interesses e referências, porém, ao entrarem neste ambiente, são tomados, em sua maioria, por um sentimento de pertencimento, de colaboração, de enriquecimento, do saber-se, do entender-se, embora, ainda que seja, um território negro, é possível encontrar-se e descobrir que esta história, esta memória, é de todos, soma-se, indissolavelmente, ao patrimônio desta cidade que foi criada através da junção de culturas e saberes de tantos povos.

O Afro-Sul/Odomode é o espelho de uma sociedade construída por uma teia de influências culturais, por vezes, podemos sentir a tensão destas linhas que o compõe, no entanto, cumpre sua função, causa a inquietação para o entendimento complexo da construção de uma identidade cultural e faz aperceber-se da extensão da cultura afro em nossa existência e referências, o quanto esta já se entrelaçou nas nossas raízes, no entanto, sendo emergencial entregar o seu protagonismo aos seus principais atores, sendo assim, um ato de reconhecimento, quanto a importância e

manutenção de seu território para a memória e salvaguarda do patrimônio cultural imaterial da cidade de Porto Alegre.

O amplo debate e convívio nas dependências do Instituto evidenciaram o trabalho realizado pela instituição na preservação e constante busca pelo protagonismo da sua cultura através de suas atividades. Sejam elas no âmbito social, orientando crianças e adultos a buscar suas referências religiosas, musicais, gastronômicas, ou no que tange aos curiosos, que sentem-se atraídos por uma batida de tambor, a explorar o espaço e buscar entendê-lo, encontrando em lara, uma fonte de saber, que narra a história da instituição ou dos seus ancestrais, pacienciosa e aberta a todos os questionamentos, sempre tendo a finalidade de elucidar toda e qualquer dúvida quanto a historicidade e representatividade enraizada no solo do Afro-Sul/Odomode.

Ao longo da realização deste trabalho, durante as discussões sobre patrimônio, nasceu a consciência do grupo, possibilitando entender-se mais que um espaço para celebração, ficou evidente a sua importância territorial.

Foi um momento de trocas, de olhar para o outro, de ver-se através do espelho dele, de incluir mais um fio na teia que entrelaça a extensa rede identitária de negros e negras que compõem o patrimônio cultural do País. Acima de tudo, pretendo deixar como legado, com este trabalho, mais um pedaço, por menor que seja, de um contrato de preservação das memórias negras. Algo que colabore para que a invisibilidade desse legado seja rompida, num processo que seja cada dia mais fortalecido pela luta daqueles que acreditam na contribuição da presença negra como elemento fundamental, indissolúvel e formal na construção da história e da cultura nacionais. Sinto-me feliz a participar desse processo, enquanto militante da causa negra, que, acredito ser irreversível, com futuros desdobramentos que, resistindo às intempéries do tempo e da história, possam conservar a beleza da diversidade cultural que constitui o ser brasileiro.

REFERÊNCIAS

BORGES, João Carlos de Freitas. JUNIOR, Idelmar Gomes Cavalcante. **Território, Identidade e Memória:** Tramas conceituais para pensar a *piauiensidade*. Disponível em: <<https://www.yumpu.com/pt/document/view/12829980/territorio-identidade-e-memoria-uespi>>. Acessado em: 01 de julho de 2016.

BRASIL. Ministério da Cultura. IPHAN. **Decreto Legislativo Nº 22, de 1º de Fevereiro de 2006.** Legislação Sobre Patrimônio Cultural. 2ª.ed. Brasília: Câmara dos Deputados, 2013.

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. Ondas do pensamento museológico brasileiro. **Cadernos de Sociomuseologia.** Lisboa: Universidade Lusófona, n.21, 2003. p. 251

CASTILHO, Maria Augusta de. **Patrimônio cultural no contexto de territorialidades.** Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1374609209_ARQUIVO_ArtigoMaugustaGT126127.pdf>. Acessado em: 07 de novembro de 2016.

CHAGAS, Mario; GOUVEIA, Inês. Museologia social: reflexões e práticas (à guisa de apresentação). In Museologia Social. **Cadernos do Ceom.** Ano 27, nº 41. Chapecó: Unochapecó, 2014.

CHUVA, Márcia. Da referência cultural ao patrimônio imaterial: introdução à história das políticas de patrimônio imaterial no Brasil. FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; REIS, Alcenir Soares dos (Org.) In. **Patrimônio Imaterial em Perspectiva.** Belo Horizonte: Editora Fino Traço, 2015.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002.

FONSECA, Maria Cecília L. Da modernização à participação. A política federal de preservação nos anos 1970-80. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 24, 1996.

GOMES. Arilson dos Santos. **A formação de oásis:** dos movimentos fretenegrinos ao primeiro Congresso Nacional do Negro em Porto Alegre – RS (1931-1958). 2008. 310 f. Dissertação de mestrado em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, 2008.

GRISA, Larissa Durlo. **Vivências no Intituto Sociocultural Afro-Sul Odomodê.** Anais do SIALA. Volume 4, Número 4. Salvador: UNEB, 2012. Disponível em: <http://www.siala.uneb.br/paginas/anais_siala.html>. Acessado em: 27 de setembro de 2015.

HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. 2004. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>> Acessado em: 01 de julho de 2016.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MARACAJÁ, Maria Salomé Lopes. **Território e Memória: a construção da territorialidade étnica da Comunidade quilombola Grilo, Paraíba**. João Pessoa. 2013. Disponível em: <http://www.geociencias.ufpb.br/posgrad/dissertacoes/maria_salome.pdf>. Acessado em: 06 de julho de 2016.

MELLO, Janaina Cardoso de. **Entre a farroupilha e a redenção: negros percursos museológicos na terra do chimarrão**. Rio de Janeiro. 2015. Disponível em: <file:///C:/Documents%20and%20Settings/Ana/Meus%20documentos/Downloads/10513-43922-1-PB.pdf>. Acessado em: 25 de julho de 2016.

MINUZZO, David Kura; Silva, Cláudia Feijó; DALLA ZEN, Ana Maria. As pessoas e suas histórias de vida. In: ZEN, Ana Maria Dalla (Org.). **Aulas de Museu**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

MORGAN, D. **Focus group as qualitative research**. Qualitative Research Methods Series. 16. London: Sage Publications, 1997.

NEVES, Lucilia de Almeida. **“Memória e História: substratos da identidade”**. História: Fronteiras. XX Simpósio Nacional da ANPUH. São Paulo: Humanitas, 1999, pp. 1061-1070.

PETIT, Pere. **Reflexões sobre as “Rodas de Conversa” como fonte para o estudo dos movimentos sociais**. Disponível em: <http://www.encontro2012.historiaoral.org.br/resources/anais/3/1340417333_ARQUIV_O_PEREPETIT-REFLEXOESSOBREASRODASDECONVERSACOMOFONTEPARAOESTUDODOSMOVIMENTOSSOCIAIS.pdf> Acessado em: 07 de novembro de 2016.

PRIMO, Judite Santos. Pensar contemporaneamente a Museologia. **Cadernos de Sociomuseologia**. Lisboa: Universidade Lusófona, n. 16, 1999.

RECH, Tiago Bassani, **Casas da religião de matriz africana em Porto Alegre: territorialidades étnicas e/ou culturais a partir da antiga colônia africana**. 2012.

SANTOS, Irene (org.). **Negro em Preto e Branco: História Fotográfica da População Negra de Porto Alegre**. ED Porto Alegre, 2005.

SILVEIRA, Naiara Rodrigues. **O dia da consciência negra veio para fortalecer a nossa identidade**. 2010. Blog Oliveira Silveira. Disponível em: <http://www.oliveirasilveira.blogspot.com.br> Acessado em: 25 de outubro de 2016.

SILVEIRA: Oliveira. **O 20 de novembro**. Fala de Oliveira Silveira para o Portal Afro, retirado do Blog Oliveira Silveira. Disponível em: <http://www.oliveirasilveira.blogspot.com>. Acessado em: 25 de outubro de 2016.

SOUZA, Juliana. **Afrodascendência**: Identidade desvelada na memória. Campinas, 2012. Disponível em: http://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/pdf/SOUZA_JULIANA_DE.pdf. Acessado em: 06 de julho de 2016.

TERENCE, Ana Cláudia Fernandes. FILHO, Edmundo Escrivão. **Abordagem quantitativa, qualitativa e a utilização da pesquisa-ação nos estudos organizacionais**. 2006. Disponível em: http://www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2006_tr540368_8017.pdf. Acessado em: 01 de julho de 2016.

TOLENTINO, Átila Bezerra. **Espaços que suscitam sonhos: narrativas de memórias e identidades no Museu Comunitário Vivo Olho do Tempo**. Dissertação de Mestrado. João Pessoa. 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

AUTORIZAÇÃO

Eu, _____,
portador(a) da cédula de identidade nº _____
autorizo, Camila Cardoso Coronel Martins, portadora da cédula de identidade de nº
1026695344, a gravar em vídeo minha imagem e depoimento para realização de
Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
referente ao curso de Museologia e conseqüentemente sua divulgação para
conhecimento científico sem quaisquer ônus ou restrições.

Porto Alegre, ____ de _____ de 2016.

APÊNDICE 2

RODA DE MEMÓRIA

Realizada no dia 13 de outubro de 2016 pela graduanda no curso de Museologia, Camila Cardoso Coronel Martins, com os integrantes e administradores do Instituto Sociocultural Afro-Sul/Odomode Maria Iara Santos Deodoro, Paulo Romeu Deodoro e Edjana Deodoro.

As perguntas norteadoras para efetiva realização desta Roda, direcionada aos membros, foram:

Como nasceu o Afro-Sul?

Quais os motivos que os levaram à construção da identidade afro-gaúcha?

Qual foi a razão do Odomode Social?

Como, na visão do grupo, o espaço se tornou referência de identidade, território, memória e resistência?

APÊNDICE 3

QUESTIONÁRIO PARA PÚBLICO GERAL DO AFROS-SUL/ODOMODE

25/10/2016 AFROSUL/ODOMODÊ: Patrimônio Imaterial de Porto Alegre

<https://docs.google.com/forms/d/19JqeK8ni27R9q7a0j2tQ37SHIPZ6GCidzrQVvjutTTY/edit?ts=580fd063> 1/2

AFROSUL/ODOMODÊ: Patrimônio Imaterial de Porto Alegre

Este questionário faz parte da pesquisa realizada para análise de público referente ao Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade de Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

1. Nome

2. Nível de Escolaridade

Marcar apenas uma oval.

Ensino Fundamental Incompleto

Ensino Fundamental

Ensino Médio Incompleto

Ensino Médio

Ensino Superior Incompleto

Ensino Superior

3. É frequentador do AfroSul/ Odomodê? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não *Pare de preencher este formulário.*

Outro:

Há quanto tempo?

4. *

Marcar apenas uma oval.

0-6 meses

6-12 meses

Mais de 1 ano

5. É frequentador de: *

Marque todas que se aplicam.

Oficinas

Domingo Cultural

Projetos Sociais Colaborador

Projeto Social Beneficário

Eventos (festas, feiras, debates, rodas de conversa etc)

Outro:

6. Em sua opinião, o Instituto Sociocultural AfroSul/Odomodê é: *
